

## Estranhos beijos

Mário Fernando Bolognesi

**Como citar:** BOLOGNESI, M. F. Estranhos beijos. *In*: GONZALES, M. E. Q.; BROENS, M. C. (org.). **Encontro com as Ciências Cognitivas**. Marília: Unesp Marília Publicações, 1998. 2 v. p. 205-210. DOI:  
<https://doi.org/10.36311/1998.85-86738-03-4.p205-210>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## ESTRANHOS BEIJOS<sup>1</sup>

Mário Fernando BOLOGNESI<sup>2</sup>

Avaliar o lugar das artes nas ciências cognitivas não é tarefa das mais fáceis: estas últimas, em seu corpo epistemológico, não dão às artes um lugar significativo. No limiar das implicações éticas e políticas dessas novas ciências, a anulação do sujeito do conhecimento abre margem à discussão da objetificação do homem. Nas artes, este tema foi explorado exaustivamente pelas vanguardas, particularmente a russa. Para iniciar, solicito a atenção da platéia para a audição de um trecho de um poema dramático de Vladímir Maiakóvski, autor que, suponho, dispensa maiores apresentações. O trecho faz parte de sua primeira obra dramática, *Vladimir Maiakóvski: uma tragédia*, de 1913. Trata-se de uma parábola, narrada pela personagem Homem Com Dois Beijos.

Um homem enorme  
ganhou dois beijos de presente.  
Era um tipo inepto  
e não sabia  
o que fazer com eles  
nem onde colocá-los.  
Toda a cidade  
enfeitada para festa,  
cantava aleluia nas igrejas,  
e as pessoas saíam vestidas de domingo.  
O homem, porém, sentia frio.  
Tinha buracos ovais nas solas.

---

<sup>1</sup> Este texto é parte de minha dissertação de mestrado, *Tragédia: uma alegoria da alienação* (São Paulo: ECA/USP, 1987).

<sup>2</sup> Departamento de Filosofia – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17525-900 – Marília, SP. E-mail: marinho@marilia.unesp.br

Escolheu o maior dos beijos  
e o calçou feito galocha.  
Mas o frio  
estava de rachar o bico  
e lhe mordía os dedos.  
'Saco!'  
disse ele, raivoso,  
'vou jogar fora esses beijos inúteis.'  
E os jogou fora.  
Mas, de repente,  
cresceram orelhas num dos beijos,  
que começou a engatinhar,  
e reclamou fininho:  
'mamãe!'  
Ele enrolou o corpinho trêmulo  
nos trapos de sua alma  
e o levou para casa  
a fim de colocá-lo numa moldura azulada.  
Remexeu, para encontrá-la,  
a poeira dos baús  
e, ao levantar os olhos,  
lá estava o beijo, deitado no sofá:  
imenso,  
gordo,  
alto -  
primeiro, risonho:  
logo, furioso.  
'Meu Deus!'  
Disse o homem chorando:  
'Nunca pensei que me cansaria tanto.  
Tenho que me enforçar.'  
E, enquanto balançava,  
asqueroso,

lamentável,  
as mulheres, nos dormitórios,  
fábricas sem fumaça ou chaminés,  
produziam milhões de beijos,  
todos os tipos,  
tanto grandes  
quanto pequenos -  
como alavancas carnudas de lábios lambidos.  
(vv. 382-435)<sup>3</sup>

A principal característica de uma parábola é a de evocar outras realidades, como uma representação de um pensamento por meio de um outro. Com frequência, a parábola se manifesta em voz narrativa e evoca conteúdos religiosos. No caso do Homem Com Dois Beijos a narração não faz referência a realidades sobrenaturais: ela se reporta a uma abstração, qual seja, à idéia de alienação. O trecho poético de Maiakóvski aborda, através de algumas imagens, aquela aparente contradição entre a coisa personificada e a pessoa coisificada. Como uma mercadoria e seu fetiche, ele recorre às idéias do uso e da troca para expor a condição objetual do sujeito ou, na outra ponta, a condição de sujeito das coisas.

Ao receber dois beijos, esse homem *enorme e inepto* não sabe o que fazer com eles, o que quer dizer, não vê utilidade nos beijos. Portanto, o valor de uso já tem seu assento, e mais, logo em seguida manifesta-se como algo que não ocupa um lugar principal na configuração da mercadoria, como quer o Homem. O beijo é tomado como expressão poética materializada de conteúdos próprios dos homens, como afeto, sensibilidade e amor. Neste ponto, na imagem dos beijos recebidos manifestam-se a personificação do objeto e a reificação do homem. O Homem quer inserir os beijos no cotidiano utilitário dos bens materiais (expressão primeira da produção de mercadorias - o valor de uso é o primeiro atributo da mercadoria; não é, em todo o caso, no capitalismo, o essencial).

Ao se comparar com a descrição da cidade e das pessoas em festa, a personagem objeto do relato se coloca como um tipo qualquer, um pária, um ser

---

<sup>3</sup> Tradução de Nelson Ascher, com orientação técnica de Boris Schnaiderman, ainda inédita.

marginalizado. Enquanto as pessoas saem “vestidas de domingo”, ele sente um frio enorme e tem os sapatos furados. Escolhe um dos beijos e o calça: tenta, uma vez mais, emprestar ao beijo algum sentido de utilidade. Como o beijo não se presta a isso, o Homem joga-o fora. Este ato dá a dimensão da perda do sujeito, da sua alienação, do distanciamento humano em relação aos seus próprios valores, ao seu afeto, ao seu amor.

O beijo, porém, por trazer características humanas, não é um objeto qualquer, inanimado, passivo e estático. Ele manifesta sua vitalidade e gera uma orelha. Ou seja, gera uma vida, característica que os objetos, em si, não possuem. Porém, quando se admitem os objetos, as mercadorias, como integrantes de um complexo processo de produção, como frutos do trabalho alienado, nota-se que são coisas que expressam as relações sociais entre os homens. Ou, inversamente, percebe-se que as mercadorias sintetizam a vida humana. E, na peça de Maiakóvski, uma das imagens desta síntese na mercadoria está no beijo inútil, jogado fora, no qual cresceram orelhas, e

que começou a engatinhar,  
e reclamou fininho:  
‘mamãe!’

O Homem, então, recolhe o beijo com uma orelha e, em um gesto de piedade, leva-o para casa. Esse ato, contudo, caracteriza-se por um novo sentido de utilidade, expresso no intuito de fazer deste beijo um objeto de adoração: ele será posto em uma moldura azulada, tal qual um oratório. Isto evidencia que o Homem já está prestes a tomá-lo como um fetiche e, portanto, em processo de dar à moldura (e ao beijo) um valor de mercado, um valor artificial de troca, com o qual ele possa identificar qualidades espirituais e religiosas. Se isso acontecesse, o beijo estaria cristalizado em um objeto de culto e manifestaria o seu valor através do fetichismo que se sobrepõe ao objeto enquanto tal.

Mas isto não acontece. Enquanto o Homem procura a moldura no fundo do baú, o beijo cresce e, deitado em um sofá, primeiro está risonho; depois, furioso. Ou seja, alcança definitivamente propriedades humanas, através da manifestação de estados psíquicos. O fato de estar furioso lembra a rebeldia dos valores dos homens aprisionados aos objetos, o aniquilamento a que estão sujeitos

os homens no processo material e objetivo da produção de coisas, na produção de mercadorias. Essa revolta acontece com as coisas e com os homens. O beijo, afeto feito objeto, revolta-se contra seu estado e, por extensão, com o complexo que o coisifica. Ele externaliza, portanto, o seu anseio de revolta, querendo que a personagem da parábola encontre a essência alienada de si, representada na peça pela humanização do objeto, neste caso, do beijo com orelhas.

Diante da sublevação, o Homem, completamente cansado, desorientado com a perda de sua identidade, com a coisificação de seus estados psíquicos, aniquilado pelo processo de materialização da vida e, também, por outro lado, vendo suas qualificações e valores se rebelando contra si - esse Homem se enforca. Na parábola, esta imagem é a expressão privilegiada da mutilação. Ao ser enforcado evidencia-se a consideração objetual do Homem, um simples meio, um objeto sem expressão e vontade próprias, que caminha ao sabor das necessidades objetuais, única e exclusivamente. Em todo caso, esse homem-objeto é ainda inferior ao objeto-homem (beijo), pois este manifesta a sua rebeldia, enquanto que o primeiro tomba diante da situação aparentemente insolúvel em que se encontra. Esse grau de inferioridade, contudo, não possui conseqüências qualitativas mais sérias, pois a rebeldia do objeto é tão somente uma expressão poética da rebeldia dos homens. Delinca-se, pois, uma aparente contradição que, em realidade, manifesta apenas o grau de transferência de conteúdo, do homem para o objeto. Essa transferência não deixa de ser, em último caso, um recurso formal que torna evidente a transformação do homem em coisa.

Para tornar ainda mais evidente a reificação, a parábola termina por apontar mulheres, “fábricas sem fumaça ou chaminés”, produzindo milhões de outros beijos, no ritmo alucinante das fábricas.

A parábola da reificação do Homem Com Dois Beijos é um momento de síntese da peça de Maiakóvski, uma espécie de clímax que dá coerência e significação aos conceitos que se manifestam com base em uma realidade específica. A alegoria, neste caso, é significante e significado. Ela revela um momento histórico e conceitual, sob a forma de um enigma. À alegoria do autor resta o imperativo do exterior, do outro, da caracterização de um objeto como pessoa.

Cabe, por fim, a todos os envolvidos com as ciências cognitivas, elaborar as possíveis leituras que esta alegoria provoca, se é que provoca alguma!

### **Referências Bibliográficas**

- BOLOGNESI, M. F. *Tragédia: uma alegoria da alienação*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Arte – Universidade de São Paulo.
- GARCIA, S. *As trombetas de Jericó*. O teatro das vanguardas históricas. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MAIAKÓVSKI, V. *Vladimir Maiakóvski: uma tragédia*. Trad. N. Ascher, com revisão técnica de B. Schnaiderman. São Paulo, 1986. (mimeogr.).